Resinagem

Bloco de colofónia (pez louro)

Colofónia (pez louro) em flocos ou palhetas

Resipinus quer devolver ao resineiro o papel de "polícia florestal"

A resinagem foi, e continua a ser, uma atividade económica, mas também pode dar um grande contributo na defesa da floresta contra incêndios. A Resipinus, associação que agrega os profissionais desta atividade tem em mãos várias linhas de trabalho que querem efetivar estes objetivos.

Provavelmente muita gente não saberá que na década de 80 Portugal chegou a produzir 140 mil toneladas de resina por ano e era o segundo maior exportador mundial (ICNF). Hoje, segundo os dados da Associação de Destiladores e Exploradores de Resina, o nosso país produz cerca de seis ou sete mil toneladas, o que nem chega a 10% das necessidades do país.

Mas comecemos pelo princípio. O que é a resina? É líquido viscoso, transparente e pegajoso, de tom amarelado produzida pelas árvores resinosas, principalmente pelo pinheiro bravo e pinheiro manso. A resina encontra-se no interior da árvore e só aflora caso se produza um corte (ferida) de forma natural ou artificial no tronco. Na resinagem, a extração da resina é feita pelo resineiro que provoca uma pequena ferida no tronco do pinheiro para que este a liberte, sendo recolhida num púcaro ou saco plástico próprio preso à árvore.

Era esta uma imagem muito comum no nosso país, que os números acima mencionados atestam, mas que sofreu um forte revés. A entrada em produção de outros países, nomeadamente a China, com custos inferiores, a "chamada" para outros empregos fora do mundo rural e talvez também os incêndios florestais que ano após ano assolam a nossa floresta, levaram a este declínio.

De grande produtor a grande importador

Mas há vontade de inverter esta situação. Vontade dos resineiros, porque mesmo assim ainda existem, mas também dos industriais (primeira e segunda transformação). Da simples vontade avançou-se para a ação e oficialmente, em meados de 2013, foi formalizada a Resipinus - Associação de Destiladores e Exploradores de Resina que veio colmatar esta lacuna.

Entre os vários objetivos a que se propõe a Associação quer ver aumentada a produção nacional de resina (a indústria de segunda transformação nacional consome cerca de 80 mil toneladas) e dar-lhe a visibilidade que outros subprodutos da floresta já conquistaram. Exemplos como a cortiça e o papel. Mas há outro lado para além da geração de riqueza que não pode ser omitido, o da defesa florestal.

Hilário Costa, Presidente da direção da Resipinus reconhece perante a nossa reportagem a responsabilidade do nosso país neste segmento. Portugal já teve uma posição de liderança, já foram milhares os resineiros que diariamente palmilhavam as florestas portuguesas nas várias operações que a resinagem implica. Hoje o número não chega a mil, mas a direção da Resipinus admite que era necessário encontrar um pólo de união. Além destes profissionais a associação congrega também os industriais de primeira transformação.

Primeira Transformação

Na indústria da primeira transformação, a resina natural é transformada por destilação, em Colofónia e Essência de Terebentina.

Segunda Transformação

Segue para uma segunda fase em que estes produtos são transformados numa infinidade de aplicações.

Essência de Terebentina

A essência de terebentina ou aguarrás, fração volátil da resina natural de pinheiro, é um líquido incolor com ligeiro aroma a pinho. A aguarrás é constituída principalmente por hidrocarbonetos terpénicos ideais para a produção de óleos essenciais, fragrâncias, aromas e solventes para tintas e vernizes e na indústria farmacêutica. Aplica-se também na fabricação de artigos de limpeza e polidores, como agente de limpeza na lavagem a seco, como desengordurante de couros e na limpeza industrial de máquinas e ferramentas.

Colofónia

A Colofónia ou pez louro, como é vulgarmente denominada, componente sólida da resina natural de pinheiro, é constituída por ácidos resínicos principalmente o ácido abiético e é uma das mais importantes matérias-primas naturais da indústria química. O pez louro é utilizado em diversos setores de atividade como na produção de colas, tintas, vernizes, tintas de impressão, agentes de colagem para papel, borrachas, adesivos, ceras depilatórias, cosméticos, indústria farmacêutica e alimentar (pastilhas elásticas). Utiliza-se também no arco de instrumentos como violas e violinos.

Existem seis fábricas (de primeira transformação) em Portugal, embora no passado esse número já tenha chegado à meia centena. Quanto à segunda transformação, contrariamente ao decréscimo que houve na primeira, aconteceu o inverso. Nestes últimos 20 anos houve um crescimento significativo com o surgimento de várias fábricas e a conversão de algumas da primeira transformação. O mais significativo é a produção de derivados de colofónia (pez) em que Portugal ocupa o lugar de segundo maior consumidor deste produto a nível mundial (depois do Japão).

Municípios subscrevem proposta para criação de núcleos de resineiros

Com o seu parco tempo de vida, a Resipinus tem já em andamento vários projetos que incluem a criação de um seguro que proteja o resineiro, por exemplo em caso de incêndio florestal (que pode consumir-lhe a matéria-prima da sua atividade). Está igualmente em desenvolvimento um trabalho com as autoridades no sentido de haver uma revisão da legislação aplicada a esta atividade e que data de 1957.

Ao mesmo tempo está a ser feito um levantamento de todos os resineiros existentes em Portugal, para conseguir uma base de dados que poderá ser a sustentação de uma proposta recentemente apresentada ao Ministério da Agricultura e que, em linhas gerais prevê a criação de núcleos de resinagem para defesa da floresta contra incêndios. Explicado de forma simples a proposta prevê a constituição de núcleos compostos por quatro resineiros, "responsáveis" por proteger mil e quinhentos hectares de floresta. A ideia é que além da resinagem possam contribuir para a prevenção de incêndios através de silvicultura preventiva e vigilância, eventualmente até ajudando no combate porque são as pessoas que melhor conhecem a floresta, isto integrando o sistema municipal de defesa da floresta contra incêndios.

Oficialmente ainda não houve resposta do Ministério da Agricultura, mas entretanto um grupo de trabalho dinamizado pela Resipinus realizou recentemente uma reunião em Proença-a-Nova onde juntou representantes de toda a fileira da resina e pinho, industriais de primeira e segunda transformação, Comunidades Intermunicipais, Câmaras, a Quercus, a Cooperativa de Resineiros de Espanha, o assessor do diretor Geral do Governo Autónomo de Castela e Leão e Autoridade Nacional de Proteção Civil. Esta reunião, na ótica da Resipinus serviu para demonstrar ao poder político que há um grande empenho e concertação neste projeto, esperando-se um desfecho positivo para a proposta.

Os dirigentes da Resipinus aceitam que este atraso fique a dever-se ao facto de se tratar de uma proposta muito inovadora que não prevê apoio a um projeto específico, tratando-se sim de um serviço público. Mas, na mesma linha, "é de frisar que nunca existiram apoios para a resinagem. Agora que a fileira está unida faz sentido uma medida de apoio no âmbito do PDR mas numa ótica do serviço público que é prestado".